

Instituto do Coração acha que conta é difícil de calcular e de cobrar

SÃO PAULO — O Instituto do Coração não tem como cobrar o tratamento do Presidente Tancredo Neves e o cálculo dos seus custos é impossível, afirmou ontem o Superintendente do Hospital das Clínicas, médico Guilherme Rodrigues da Silva. Segundo ele, o Conselho Deliberativo poderia discutir uma forma de reembolso, solicitando verbas ao Inamps ou ao Governo Estadual, que mantém o hospital.

Na segunda-feira o médico afirmara que era intenção do hospital pedir o pagamento. Mas ontem explicou que, além da impossibilidade prática do cálculo e das circunstâncias especiais em que se deu o tratamento do Presidente, não se quer fazer uma cobrança ostensiva.

— Há algumas despesas que o Instituto do Coração poderá contabilizar e cobrar do Inamps, como faz com todos os pacientes conveniados. Mas não se poderá calcular, por exemplo, o trabalho voluntário de dezenas de médicos, doações de medicamentos e empréstimo de equipamentos — disse o Dr. Guilherme.

Um médico da equipe que cuidou de Tancredo informou ontem que somente com as transfusões de plasmas sanguíneo gastavam-se cerca

de Cr\$ 10 milhões por dia. Os repetidos exames laboratoriais de gasometria (níveis de oxigênio no sangue) custavam cerca de Cr\$ 2 milhões por dia, antes da vinda do equipamento norte-americano que os realiza automaticamente.

Com o fato de o paciente ser o Presidente, o Incor conseguiu doações de antibióticos e medicamentos importados que nem são ainda comercializados. A circunstância permitiu a importação de dois oxímetros (que medem o nível de oxigênio no sangue), de fabricação norte-americana. Custaram os dois, 12 mil dólares (cerca de Cr\$ 60 milhões). Embora o Hospital das Clínicas já tivesse a intenção de comprá-los, só conseguiu com rapidez a importação por serem necessários ao atendimento do Presidente.

A mobilização que o tratamento de Tancredo causou no Hospital das Clínicas foi inédita, na opinião do Superintendente, que ontem não sabia calcular sequer quantos exames de laboratório foram feitos pelo bacteriologista Vicente Amato Neto e sua equipe. Ele dedicou-se a esse trabalho “até com certa compulsividade”, afirmou Guilherme Rodrigues da Silva.